

Algumas imagens espectrais da modernidade: dimensões do diálogo epistolar de Gilberto Freyre com Oliveira Lima, Manuel Bandeira e José Lins do Rego

(Some spectral images of modernity: dimensions of the epistolary dialogue of Gilberto Freyre with Oliveira Lima, Manuel Bandeira and José Lins do Rego)

Silvana Moreli Vicente Dias

Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP)

silmoreli@usp.br

Abstract: Gilberto Freyre was a prolific writer of letters. In this context, it would be fundamental, besides the publication of the essayist's epistolary dialogue with his companions, a study of some aspects of the correspondence that can offer a dimension of the problems raised by the writing of his letters. I will discuss some reading hypothesis concerning the Freyre's epistolography, observing how he structures multifaceted discourses in front of his main correspondents, such as the diplomat and historian Manuel de Oliveira Lima (1867-1928), and the writers Manuel Bandeira (1886-1968) and José Lins do Rego (1901-1957). Furthermore, it would be essential to reflect on some performatic aspects of these texts in progress, with a peculiar *mise-en-scène* that challenges not only the researcher, who seeks to organize those materials; but also the interpreter, who needs to observe the necessary mediations or, additionally, a multidisciplinary analysis of those letters.

Keywords: Gilberto Freyre (1900-1987); Manuel de Oliveira Lima (1867-1928); Manuel Bandeira (1886-1968); José Lins do Rego (1901-1957); Epistolography; Brazilian modernism.

Resumo: Gilberto Freyre foi um prolífico escritor de cartas. Nesse contexto, seria indispensável, ao lado da publicação do vasto diálogo epistolar entre o ensaísta e seus correspondentes, um estudo de aspectos que dimensionem o alcance dos problemas que a escrita de cartas pelo autor propõe. Lançarei algumas hipóteses de leitura sobre a epistolografia de Freyre, observando como ele estrutura discursos multifacetados diante de seus principais correspondentes, sobretudo o diplomata e historiador Manuel de Oliveira Lima (1867-1928) e os escritores Manuel Bandeira (1886-1968) e José Lins do Rego (1901-1957). Portanto, seria importante considerar aspectos performáticos dessa escrita em processo, com uma peculiar *mise-en-scène* que desafia não só o pesquisador o qual se lança no trabalho de organização desses conjuntos; mas também o intérprete da correspondência, o qual deve notar que qualquer aproximação demanda inúmeras mediações ou, ainda, uma análise em perspectiva multidisciplinar desse material.

Palavras-chave: Gilberto Freyre (1900-1987); Manuel de Oliveira Lima (1867-1928); Manuel Bandeira (1886-1968); José Lins do Rego (1901-1957); Epistolografia; Modernismo brasileiro.

Aproximações

Gilberto Freyre foi um prolífico escritor de cartas. Os discursos multifacetados que o ensaísta elaborou diante de seus principais correspondentes ressaltam a qualidade performática de uma escrita em processo, revelando aspectos de uma peculiar *mise-en-scène* do autor. Ler o rico conjunto epistolar de Gilberto Freyre permite não só dialogar com a sua obra de ensaísta – em que *Casa-grande & senzala* (1933) se destaca como uma das mais importantes do cânone do ensaísmo brasileiro –, com os bastidores da criação e com

obras fundamentais do modernismo brasileiro, mas também nos conduz pelos meandros das cada vez mais complexas redes de sociabilidade do período. Este ensaio pretende apresentar uma leitura panorâmica da epistolografia de Freyre, enfocando peças da correspondência inédita do escritor, especificamente algumas missivas trocadas com Manuel Bandeira (1886-1968) e com José Lins do Rego (1901-1957).¹ A esses conjuntos, acrescentaremos cartas da correspondência de Freyre com Manuel de Oliveira Lima (1867-1928), editadas por Ângela de Castro Gomes (FREYRE; LIMA, 2005).

A característica movente da linguagem epistolar de Freyre, permeada por arestas discursivas e por um humor peculiar, desafia não só o pesquisador que se lança no trabalho de organização desses conjuntos. Na tarefa de preparo de edições críticas, uma materialização dos dilemas editoriais interpostos se coloca, por exemplo, na escolha que se deve fazer diante da possibilidade de se construir uma mais ampla ou, por outro lado, uma mais tênue rede de ambientação por meio de notas explicativas ou exegeticas.² Mas também o intérprete da correspondência deve notar que qualquer aproximação deve ser realizada por inúmeras mediações, e uma rede multidisciplinar – que já pode estar assinalada desde a anotação – deve ser buscada de modo a se construir criticamente uma imagem complexa (e espectral) do autor.

Para pincelar apenas alguns desses movimentos vários, por um lado, o diálogo de Freyre, um ensaísta, com Bandeira, um poeta, e com José Lins, um romancista – e todos notáveis cronistas do nosso modernismo –, tende a ser abalizado por questões eminentemente modernas, em que aspectos vanguardistas e tradicionais se estabilizam em problemáticas configurações estéticas, como podemos notar em sua produção literária da década de 1930. Por outro lado, ao trazer a esse rol de correspondentes Manuel de Oliveira Lima, memorialista e historiador central na virada do século XIX para o século XX, nova luz pode ser colocada sobre formas e temas que são trabalhados por Freyre nos anos cruciais de modernização do país. Nesse sentido, a questão da miscigenação se insinua nas missivas trocadas com Oliveira Lima, ainda carregada pelas tintas pessimistas do período oitocentista. Reforça-se, portanto, o sentido das inúmeras contradições – os “nós” – que se manifestam em sua trajetória, de que as cartas oferecem testemunhos pungentes.

Cicatrizes do passado, o futuro em questão: o diálogo entre *Gilberto Freyre & Oliveira Lima*

Adentrando um pouco mais o universo da escrita epistolar de Freyre, gostaria de focar, neste momento, a correspondência do autor com Manuel de Oliveira Lima, em que o movimento de interpenetração entre o público e o privado é patente. A despeito da grande diferença de idade, Oliveira Lima, então célebre diplomata e historiador, interage com o estudante Freyre com abertura, liberdade, ousadia, quiçá sinceridade incomuns.

1 Propus a edição da *Correspondência de Gilberto Freyre & Manuel Bandeira* como parte de tese de doutorado. Já a edição da *Correspondência de Gilberto Freyre & José Lins do Rego* foi realizada como pós-doutorado, em distintos momentos, com Bolsa Pesquisa Nível I da Biblioteca Nacional-RJ e com bolsa da Fapesp, junto ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP). Cópias dos documentos inéditos foram fornecidas pela Fundação Gilberto Freyre (Recife-PE), instituição para a qual vão meus especiais agradecimentos.

2 Sobre os problemas da anotação, cf. sobretudo Colette Becker, em “Les discours d’escort: l’annotation et ses problèmes (à propos de la correspondance de Zola)” (BECKER, 1984).

Assim, o passeio por temas eminentemente públicos aos poucos permite a criação de espaços cada vez mais íntimos, domésticos, mais reservados, em que os interlocutores realizam exercícios intelectuais com maior franqueza e liberalidade.

A meio caminho entre a vida pública e a vida privada, é possível flagrarem-se opiniões emitidas nesses espaços familiares acerca de temas bastante delicados, como a miscigenação no Brasil. Laivos fortemente pessimistas oriundos do século XIX, e respaldados pelo cientificismo da época, estão presentes em suas palavras sobre o processo da formação do povo brasileiro. Suas visões da época, de algum modo, refletem os conceitos correntes no período, e não podemos nos esquecer do fato de que, em parte substancial da troca de cartas, o local de escrita eram os Estados Unidos, reticentes na ampliação dos direitos civis aos negros americanos. Apesar disso, os interlocutores inquietam-se, procuram visões mais integradoras sobre o tema, apontando, de algum modo, para as transformações posteriores que o tratamento sobre o assunto, tanto do ponto de vista estético quanto científico, suscitaria em território brasileiro. Leia-se trecho de carta de Gilberto Freyre a Oliveira Lima, com datação “Nova York, 18/02/1921”:

Já leu *The rise of the color tide* e *The passing of a great race*? Li o último há meses e estou no meio da leitura do primeiro. São interessantes estudos do problema de raças, mistura, etc. do qual nosso Brasil sofre. Precisamos opor ao “salto atroz” o imigrante branco. Quanto mais estudo o problema do ponto de vista brasileiro, mais alarmado fico.

Estive a notar outro dia a tripulação do “Minas”: a gente de cor deve ser mais de 75%.

Como sempre, sou afetuoso admirador
Gilberto Freyre

(FREYRE; LIMA, 2005, p. 68)

A resposta de Oliveira Lima, em 20 de fevereiro de 1921, não tardaria:

A questão da raça no Brasil é uma questão muito delicada, em que dificilmente se pode mexer. Eu mesmo não sei – e só o futuro o poderá dizer – se a solução que estamos inconscientemente ou antes instintivamente dando ao problema não é mais acertada do que a que deliberadamente lhe têm dado os Americanos. É claro que que o imigrante branco é o que nos convém. Mas não será preferível dar-lhe o espetáculo da fusão a dar-lhe o da exclusão? A inferioridade da raça será real e será ela causada pelo elemento africano, já bastante diluído n’alguns pontos, ou antes pela educação. Eu reputo à educação francesa, a dos princípios de 1789 ou de 1793, a de *grande* Revolução, a desgraça da América Latina. Teríamos tido outro progresso se não fosse essa miragem rubra. No meu livro sobre os Estados Unidos, escrito quando eu tinha 29 anos, tenho um capítulo sobre o “Problema negro”, mas não sei se hoje penso exatamente do mesmo modo. Pelo menos penso com mais largueza e com mais detalhe.

Creia-me sempre seu muito attº. e admirador amigo
M. O. Lima

(FREYRE; LIMA, 2005, p. 70)

Note-se que Gilberto Freyre poderia se espelhar nas ponderações de Oliveira Lima, que apontavam para uma perspectiva sobre o tema a progredir para além das estreitas explicações biológicas, buscando uma percepção mais aguda sobre o processo histórico

e, em particular, sobre a educação do negro. Vemos, também, uma cautela significativa do diplomata com relação ao avanço liberal, pondo entre aspas soluções exclusivas e indagando sobre a validade da fusão – ou seja, não haveria aqui uma espécie de protoforma do elogio da miscigenação por parte de Oliveira Lima, distante das opiniões mais simplificadas do jovem Freyre?

De qualquer modo, para Freyre, o privilégio de contato com Oliveira Lima, desde quando era estudante de graduação em Waco, Texas, demonstra como o escritor se inseria na vanguarda do pensamento histórico, sociológico e antropológico americano e brasileiro. Os debates certamente se aprofundariam nos anos posteriores, sobretudo quando Freyre seguia – com muitas recomendações do próprio Oliveira Lima – para a Universidade de Columbia, Nova York, em janeiro de 1921. Freyre seria, portanto, um estudioso em franca transformação, um pensador em formação dialogando com reconhecidos intelectuais de seu tempo, como dá a ver sua atividade epistolar, desde os tempos de juventude.

Anacronismo e modernidade: o jogo paradoxal das máscaras em cartas de Freyre & Manuel Bandeira

A época moderna parece representar o momento peculiar em que se estabelece uma rede de relações sustentada sobremaneira pela mediação por correspondência, o que contribui para compor uma representação singular da cultura, da arte e da literatura brasileiras. Em outras palavras, a tradição moderna do país é caracterizada, ela mesma, pela multiplicidade de projetos em gestação, circulando também por meio de missivas. A ideia de “máscara”, nesse sentido, vem para dinamizar as múltiplas possibilidades de como o sujeito da carta pode desenhar-se, os inumeráveis gestos e desvios que pode conter, uma espécie de duplo do caráter performático e escorregadio inerente ao próprio discurso da correspondência – lacunar, fragmentário, apesar de, incontestavelmente, constituir-se como documento histórico testemunhal arraigado num tempo e num espaço determinados.

Com Manuel Bandeira, Freyre aproxima-se de um escritor mais experiente, com quem procura equilibrar-se entre a reverência humilde e a fina ironia, sobretudo quando estão em pauta considerações descontraídas sobre a atmosfera mundana dos amigos comuns, principalmente nordestinos e cariocas. Antes de se tornar o lírico da simplicidade e da poesia da infância, do constante retorno ao passado e aos temas da formação da sociedade brasileira, Bandeira estabeleceu um diálogo informal com o ensaísta por meio de cartas. O conceito freyriano de “cordialidade”, como expansividade agregadora característica da formação mestiça, nas linhas em que ele aparece em *Sobrados e mucambos*, de 1936, parece animar-se por meio de missivas simpáticas, expansivas, bem-humoradas.³ Certo tom cronístico permeia esse conjunto, na medida em que pequenas histórias da vida comezinha são encadeadas, aproximando o cotidiano na capital federal e na província, no Rio de Janeiro e em Pernambuco.

3 No capítulo “Ascensão do bacharel e do mulato”, de *Sobrados e mucambos*, Freyre utiliza o termo “cordialidade” (FREYRE, 2003, p. 791). Em outra ocasião, sobre “o mais doce exemplo europeu [...] de cordialidade democrática”, afirma Freyre: “O abraço, a palmada nas costas, o aperto de mão, não os trocam em Portugal apenas indivíduos socialmente iguais [...], mas até pessoas de situações sociais diferentes ou homens até há pouco puramente estranhos um ao outro, depois de curta conversa que os aproxime como homens animados pelas mesmas ideias ou pelos mesmos sentimentos, quer como portugueses da mesma região, quer, simplesmente, como criaturas do mesmo Deus”. (FREYRE, 1953, p. 22).

Ainda é interessante observar que, a despeito dos repertórios distintos entre Freyre, bem mais jovem, e Bandeira, mais experimentado como escritor, há uma espécie de equilíbrio de tons, fazendo predominar uma atmosfera de leveza, de comunicabilidade performática em voz alta, de troca descomprometida, de riso – o que nos faz recordar a própria dinâmica descontraída, informal e cronística que caracteriza vertente significativa do movimento modernista no país, da qual a obra desses escritores seria uma espécie de agente catalisador. Haveria, também, um aspecto de exceção ligado aos eventos únicos, conectados às percepções corporais, um modo peculiar de estar-no-mundo, em sentido espacial e físico, um saber que transcende o conhecimento objetivo para ter-se acesso às atmosferas tendentes ao mágico e ao epifânico,⁴ um sentido de uma dramatização que agrega uma espécie de entendimento destacado das apreensões racionais. Leia-se, a seguir, trecho de carta a Bandeira, escrita em 1934:

Era bem bom que você viesse para o Carnaval, seu Flag. Eu, Cícero e Zé Tasso temos, como você sabe, um atelier, um 1º andar na sua Estrada do Rosário. Seria sua estação de repouso. Um bocado de frevo, e estação, descanso, você podendo levar suas mulatas para lhe darem cafuné. Tem feito calor aqui. Parece o Rio. Vocês aí devem estar torrando. Tenho às vezes saudades enormes de você, dos amigos daí, nosso grupo, e de outros amigos perdidos por esse mundo. É o diabo, haver distância, ser tão caro e complicado, ainda, viajar. É o diabo não ser tudo uma cidade – o Recife – uma só cidade. Aliás, a concepção de vez de alguns místicos tem sido essa – da grande e única cidade.⁵

Desse modo, em comparação com a correspondência de *Freyre & Oliveira Lima*, é evidente que a atividade epistolar com Bandeira permitia o registro mais livre das convenções, próximo da crônica da vida cotidiana, da informalidade que se tornaria uma indelével marca da escrita modernista. Nessa atmosfera, a face provinciana, de incontestável e proposital perfil anacrônico, comportava, pois, uma concepção de vida ligada ao coloquial e à experiência histórica palpável, um modo alternativo e incomum de combinar-se com o contemporâneo.⁶ Essa atmosfera por vezes também emergia da escrita memorialística de Freyre, como notamos pelo trecho a seguir:

RECIFE, 1927.

Disse-me ontem o J. que ouvira dizer-se numa roda de intelectuais que não era possível que eu fosse “o assombro que dizem que sou, de saber”, sendo “tão boêmio”. Isto porque às vezes sou visto em pensões de mulheres, em clubes populares de carnaval como o das Pás, dançando com as morenas em pastoris como o do Poço, em ceias de sarapatel no Bacurau ou no Dudu (nestas quase sempre na companhia do velho Manuel Caetano). É uma verdade esse meu jeito de impregnar-me de vida brasileira como ela é mais intensamente vivida, que é pela gente do povo, pela pequena gente média, pela negralhada: essa negralhada de que os “requintados” (como eu estou sempre a chamar os intelectuais distantes do cotidiano da plebe) falam como se pertencessem a outro mundo. (FREYRE, 1975, p. 207-208)

4 Recordo aqui o conceito de “culturas de presença”, contraposto ao de “culturas de sentido”, desenvolvido pelo teórico da literatura alemão Hans Ulrich Gumbrecht. (Cf. GUMBRECHT, 2010).

5 Carta de Gilberto Freyre a Manuel Bandeira, com datação “Recife, 29 de janeiro de 1935”. Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa.

6 Sobre uma relação entre implicações literárias e culturais, de um lado, e históricas e políticas, de outro, cf. Oliveira (abr. 2011).

Freyre procurava construir “mundos misturados” ao empregar uma escrita de teor mais cronístico, ligada à vida comezinha – o que não impedia que outra face, mais trágica, sobreviesse, em determinados momentos, com força persuasiva.

A face trágica da província: a correspondência de *Freyre & José Lins do Rego*

Em direção diversa, a correspondência de Gilberto Freyre com o escritor José Lins do Rego tende ao fechamento, ao aspecto dramático internalizado. Encontramos, nesse contexto, posturas distintas daquelas do mundo invertido, carnavalesco, mais presentes nas cartas trocadas entre Freyre e Bandeira.

Em vez do envolvimento com temas que permitam conectar-se com as urgências do novo tempo modernista brasileiro, mais colado à realidade e ao cotidiano, sobrevém, em passagens da correspondência *Freyre & Lins*, a ideia de indivíduos em crise, partilhando, de algum modo, a dinâmica social do mundo decadente. Em muitos momentos, o homem desnuda-se na confissão de suas fraquezas demonstrando a instabilidade da máscara relacional, flagrando um desencantamento incurável que teima em contaminar a confiança supostamente mais firme nos destinos do homem e da nação. Leia-se:

Meu querido Lins,

Recebi sua carta com a notícia de que você vai mesmo embora para o Rio. Deu-me uma grande tristeza – aliás, sem razão, porque você em Alagoas é o mesmo que você no Rio – em certo sentido, ainda mais distante e separado. Infelizmente não se pode realizar o desejo, mais meu do que seu de, chegarmos a morar no mesmo Recife, como naqueles dois ou três anos que passaram tão depressa, deixando tanta saudade. A vida é assim, como diz a cantiga carioca. Viu como este ano a cantiga carioca abafou tudo, vindo vencer os pernambucanos no seu próprio reduto (por pernambucanos, entenda-se também a zona colonial que fica em redor do Recife)? Foi uma vitória bonita para os cariocas. Continuo doente, sem poder trabalhar e num mau humor horrível, mas que sempre comigo reprimi um pouco. Quando parece que vou ficando bom – doença. E é quando se vê quanto a medicina sabe pouco. Tenho feito uma variedade de experiências sem resultado. Hoje vou tentar outra com Arthur de Sá. Escreva ao Zé Olympio que só passada esta fase de doença e mal-estar, terei alguma paz para pensar na proposta dele. [...]⁷

É indiscutível que, se há um narrador-missivista, esse está constantemente a confessar, na correspondência *Freyre & José Lins*, o drama de sua existência, sujeita a inúmeras vicissitudes e cujo sentido nunca se manifesta de modo integral. Essa condição está muitas vezes presente na própria escrita, que oscila, principalmente no caso de Freyre, entre o colorido e a embriaguez da experiência, de um lado, e a tristeza a que se assiste com certa postura consternada, de outro, uma espécie de expiação que teima em percorrer, dramaticamente, os eventos mais representativos da vida. Se não estamos diante do trágico em sua inteireza, haveria – e isso é o máximo que poderíamos dizer – uma certa ambiguidade entre o ser dramático que pode não ter levado às últimas consequências o aspecto trágico, sem completa consciência acerca das motivações, ou sem uma visão global sobre como se estabelece sua condição trágica (Cf. LOURENÇO, 1999, p. 193-201). Observe-se trecho de carta enviada a José Lins por Freyre em 12 de dezembro de 1937, de Lisboa, fala sobre as vicissitudes do dia-a-dia:

⁷ Carta de José Lins do Rego a Gilberto Freyre, provável ano de 1935. Acervo do Museu José Lins do Rego.

Recebi sua aérea na qual me dá notícias da chegada da minha mãe. Pode imaginar como estou apreensivo e sem mais nenhuma paz de espírito para trabalhar. Apreensivo também sobre o que você me diz a respeito da situação financeira. Creio que o nosso amigo e seu grupo mais eficiente e capaz de ação devem estar prontos e atentos. Aqui conversei com o Severino Pinheiro, que vai agora para Pernambuco e está pronto a entrar da maneira mais franca na campanha. Está lendo os nossos livros – seus, de Tarquínio, meus – e gostando muito. Com todas essas preocupações e inquietações, bateu-me a velha insônia, de modo que estou um caco. É terrível não dormir. E nem durmo nem trabalho, estou sem coragem para as conferências, o diabo.⁸

Se, para Freyre, o sentimento de solidão aumenta sobretudo em suas viagens, este fica bastante atenuado, por exemplo, quando o escritor está no Recife, próximo à família – para ele sempre uma sólida referência. Já para José Lins, ele parece constitutivo, tendendo ora à melancolia – quando algo falta sem o saber nomear –, ora à nostalgia – quando a falta é nomeada e, por vezes, segue-se uma proposição restitutiva. Em João Pessoa, Manhauçu, Maceió, Rio de Janeiro, muitos parecem ser os momentos em que enfrenta o sentimento de perda, uma tristeza sem causa aparente, como testemunha a seguir o romancista em carta escrita quando já fixado havia anos na capital federal. Como exemplo de encontro entre cosmovisão pessoal e interpretação do processo social, leia-se trecho de missiva escrita por José Lins provavelmente em 1943 – período em que o autor publicou seu romance *Fogo Morto*, considerado pela crítica sua obra-prima:

Meu querido Gilberto,

Um grande abraço para você e para Mag. Muito triste natal de 1943. Sinto-me muito só. Apesar de cercado de tanta gente. Posso-lhe dizer que nunca me senti tão só, tão sem coragem para coisa nenhuma. Estou agora atacado daquele nervoso que você conhece, com medo de não chegar ao fim, agora que mais do que nunca eu preciso estar firme, com três moças dentro de casa. Acredito que seja esgotamento. Leu você o meu último romance? Imaginei criar um tipo que fosse imagem de nossa terra, um Papa-Rabo que fosse muito de histrião e homem de bem. Aqui vai o livro agradando muito aos nossos amigos. Sobre a *Manhã*, há o seguinte: o Costa Neto não queria manter os colaboradores de 200# mil da *Manhã*, e para isto fez o diabo. O Cassiano reagiu e conseguiu que ficassem poucos a este preço. Por isto você vem sendo pago por artigo. No mês de novembro só saíram dois artigos seus, e por isto vou-lhe remeter os meses de novembro e dezembro em conjunto. É isto o que há.

Estive em São Paulo, onde fiz uma conferência sobre o [Tristão]. Mas a conferência foi quase toda sobre você. Não pode imaginar as grandes simpatias dos rapazes de lá por você. Penso que se fosse lá teria coisa mais importante que a homenagem da Bahia. Você é hoje em São Paulo uma bandeira. Não se joga a vida como você faz aí, sem que existam homens que saibam compreender o seu formidável sacrifício. Como nunca eu precisava de estar ao seu lado, como nunca estou precisando de amigo que é mais que irmão. Do seu

Lins.⁹

Várias são as expressões de Lins que falam dessa sensação agônica, “sem saída”. No Rio de Janeiro, na metrópole cheia de novidades, junto aos vários amigos, à vida movimentada

8 Carta de Gilberto Freyre e José Lins do Rego, com datação “12 de setembro de 1937”. Acervo do Museu José Lins do Rego.

9 Carta de José Lins do Rego a Gilberto Freyre, provável ano de 1943. Acervo da Fundação Gilberto Freyre.

e intelectualmente produtiva, o sentimento de solidão permanece. Talvez até por isso tenda a se apegar em demasia à lembrança de 1923, o ano em que sua amizade com Gilberto Freyre – o qual certamente lhe apresentara um mundo novo, de provincianismo com toques de cosmopolitismo e vanguardismo – se solidificara.

Mais ainda, o sentimento de catástrofe parece preponderar na visão de mundo do homem José Lins em diálogo com Freyre, o que acaba se revelando de modo peremptório por meio do texto paraliterário da carta, o qual guarda, por sua vez, uma relação mais imediata com a realidade circundante. José Lins observa o mundo com pessimismo, o enxerga como fundamentalmente aporético. A situação que funciona como pano de fundo, no exemplo a seguir, são os momentos posteriores à instalação da República Nova, o que obrigou Freyre a fugir para o exílio em Portugal juntamente com o governador Estácio Coimbra logo após a Revolução de outubro de 1930. Diante do presente sombrio, o conselho de Lins a Freyre é também categórico: “Não venha ao Brasil tão cedo”, “Azar”, “tudo por água abaixo”, “desencanto”, “desgraça”, “intrigas”, “uma verdadeira vida de cachorro”: palavras que remetem a uma conjuntura sem saída, a uma impossibilidade de redenção, à ausência de um horizonte utópico palpável. Sua forma de pensar e sentir a modernidade em plena década de 1930 não é dialética, pois é como se tragicamente lhe faltassem os instrumentos para se lançar a uma aventura conciliatória possível. Falta ordem, falta dinheiro, falta esperança, falta alegria. O destino obscuro, sem solução, interrompe, ao final, a própria vontade de exercer uma reflexão consistente sobre os destinos do país. Nesse caminho, os anos vindouros verão nascer, no caso de José Lins e de Freyre, o desenho trágico de homens e espaços encolhidos na modernidade, por meio do romance e do ensaísmo histórico-sociológico, que caminham na esteira de um drama de linhas épicas, em contraste com a busca de uma imagem integradora da formação nacional patrocinada pelo governo de Getúlio Vargas.

Apesar de menos numerosos com relação a José Lins, que sempre se confessara um homem desajustado, despreparado para a vida, não são raras as missivas em que Freyre se deixa tomar pelo drama, pelo sofrimento, como neste desabafo no dia em que completara 38 anos:

É certo – estou doente. O tal nervoso terrível de que você fala. Chegou a minha vez. Tinha esse direito. Doente e eu meu próprio médico porque não tenho confiança em nenhum a não ser, é claro, o nosso velho Deus. Você não se preocupe, não me escreva, pois não estou com ânimo para correspondência. Mas creia na amizade de sempre do seu / Gilberto.¹⁰

A essa ocasião de desabafo desesperançado, responde José Lins:

Espero que você saia desta crise de nervos. Eu conheço o quanto elas são dolorosas. Mas sem você como poderei resistir aos meus desesperos? Você ainda é em meus momentos de agonia a imagem que me chega. Eu digo quando me vem chegando a coisa: Gilto acha que tudo isto é besteira, que eu não tenho nada. E o equilíbrio volta.

Sem o grande amigo a minha vida vira um nada.¹¹

10 Carta de Gilberto Freyre a José Lins do Rego, com datação “Recife, 15 de março de 1938”. Acervo do Museu José Lins do Rego.

11 Carta de José Lins do Rego a Gilberto Freyre, com datação estimada em 1938. Acervo da Fundação Gilberto Freyre.

Mas se, para Freyre, os momentos de fragilidade são mais passageiros, eles também teimam em retornar: “É o diabo meu Lins, esse meio da vida, – aos 40 anos. Nem as esperanças dos 20 nem a resignação da velhice. As dores maiores do que na mocidade ou na velhice”.¹² E José Lins, sempre a tatear formas esvaziadas, jamais se apossa da alegria utópica – embora seja um homem de largas gargalhadas, como afirmavam seus amigos –, sobretudo quando fala sobre a matéria decadente tratada em seus romances. Assim, matéria literária e testemunho privado podem iluminar-se reciprocamente, alimentando sendas abertas nos interstícios da vida pública e da intimidade.

A carta e os espaços múltiplos da modernidade brasileira

Por meio deste ensaio, o objetivo foi discutir como, de modo geral, Gilberto Freyre constrói diferentes relações a depender de seu interlocutor, apresentando cartas inéditas do ensaísta e de alguns de seus correspondentes. É como se houvesse uma orquestração diversa de autoria, relacionada à dinâmica estabelecida com os distintos interlocutores epistolares de Freyre. O efeito resultante é espectral, com diferentes clivagens coexistindo ao mesmo tempo.

Interessaria, neste preciso momento, isolar a imagem paradoxal da forma epistolar praticada pelo escritor como objeto no qual se desenha um sujeito em crise e que, a despeito de seu sentimento de conflito, deslocamento e consciência do progressivo “desprovimento de nós”,¹³ dissemina uma dimensão pública empenhada – uma das características mais patentes do modernismo brasileiro –, muitas vezes de feição propositalmente anacrônica no caso do *leader* de província em defesa das tradições regionais, como a culinária, a vegetação nativa e os azulejos portugueses. Essa atuação de Freyre teria marcado a trajetória de Bandeira, como afirma o poeta em sua autobiografia *Itinerário de Pasárgada*:

Para completar (e de certo modo contrabalançar) essa influência havia os amigos do Rio, amigos que, a partir de Ribeiro Couto, fui fazendo em cadeia: Jaime Ovalle, Rodrigo M. F. de Andrade, Dante Milano, Osvaldo Costa, Sérgio Buarque de Holanda, Prudente de Moraes Neto. Lista a que devo juntar, depois de 1925, o nome de Gilberto Freyre, cuja sensibilidade tão pernambucana muito concorreu para me reconduzir ao amor da província, e a quem devo ter podido escrever naquele mesmo ano a minha “Evocação do Recife”. (BANDEIRA, 1998, p. 496-497)

Porém, se é certo que Bandeira se definiria como um provinciano, em seu poema “Auto-retrato” fica claro que a palavra ganha complexidade. O esforço de mediação posiciona o autor “provinciano” distante de qualquer espontaneidade e simples conciliação, reafirmando aguda consciência estética, mesmo quando ela parece esmaecida pelo otimismo: “Provinciano que nunca soube / Escolher bem uma gravata; / [...] Poeta ruim que na arte da prosa / Envelheceu na infância da arte, / E até mesmo escrevendo crônicas / Ficou cronista de província; [...]” (BANDEIRA, 1936, p. 13).

Ao final, vemos que, nessas escritas “de província”, as dimensões privada e pública não podem ser vistas separadamente. Na correspondência de *Freyre & Oliveira Lima*, foi

12 Carta de Gilberto Freyre a José Lins do Rego, com datação “Apipucos-Recife, 14 de novembro de 1942”. Acervo do Museu José Lins do Rego.

13 Sobre a construção dos espaços de convivência e a relação identidade-eu e identidade-nós na modernidade, cf. Elias (1994).

possível notar como a dilatação da esfera íntima caminha ao lado do aprofundamento de discussões caras para a esfera pública, como o tema da miscigenação. Em um cenário de inequívoco aprofundamento da consciência estética e da reflexão social, devem ser valorizados textos normalmente tidos como de natureza íntima, como cartas, biografias, autobiografias, diários etc., dissolvendo-se os limites rígidos entre documentos de interesse histórico e escritas literárias multidimensionais, o que abre possibilidades para se traçar um caminho não usual de leitura do texto de uma carta.¹⁴

A ironia e o *humour*, tão patentes no diálogo entre *Freyre & Bandeira*, revelam-se antídotos produtivos à percepção trágica da existência, mais presente no diálogo entre *Freyre & Lins*. Nesse sentido, enquanto a máscara do provinciano permite retomar questões fundamentais para a escrita modernista e moderna (tais como: “De que modo articular a(s) província(s) num projeto nacional?”; “Na dialética com a metrópole, com quais elementos a província e o provinciano podem contribuir?”), com Lins se destaca o embate dos homens para manter a máscara que viabilize a comunicabilidade, para não destruir a forma que possibilita verticalizar discussões, aprofundar sensações, em outras palavras, que comporta explorar recursos da escrita que unam memória e história, subjetividade e objetividade, dimensão pessoal e experiência coletiva, o público e o privado, o “eu” e o “nós”, o indivíduo e a sociedade. Assim, o diálogo mais ensimesmado e subjetivamente encrespado com José Lins não dispensa o distanciamento irônico, mais comum em Bandeira, em prol do aprofundamento da comunicabilidade, associando, inclusive, o cômico e o trágico.

Percebe-se, pois, que um epistológrafo pode revelar inúmeras facetas a depender do seu correspondente. O pacto que estabelece com seu interlocutor determina o tom de leitura que é demandado por cada conjunto de missiva. No caso de Freyre, o escritor explorou, na década de 1920 e início dos anos 1930, a imagem do intelectual cosmopolita *outsider*, do deslocado que procura compor uma persona autoral integral, ainda que a partir de diversas facetas, que revelasse a singularidade de sua “alma provinciana” paradoxal, ora carnavalizada, ora ensimesmada – como, ademais, seria o próprio Brasil eivado de contradições, das metrópoles ou dos rincões provincianos.

Nas franjas do centro do poder político e econômico – situado entre Rio de Janeiro e São Paulo –, Gilberto Freyre e demais provincianos teriam elaborado, por meio de missivas empenhadas e de sua obra, um discurso multidimensional e alternativo de modernidade e de tempo, de valorização da infância, do passado, do campo, da dinâmica ainda marcada pelo mundo rural e pelas relações afetivas de convivência diária, desafiando proposições racionalistas e sistemáticas como direcionadoras exclusivas do processo de modernização do país. Desse modo, na utopia de uma comunicação possível, caracterizada pela presença de particularidades irreduzíveis a fórmulas abstratas e generalizantes, situa-se veio significativo do debate que tem a província, os provincianos e seus espectros como *loci* preferenciais.

14 João César de Castro Rocha, em capítulo de livro “A epistolografia como desafio à história e à teoria da literatura”, aponta para o lugar precário dessa tipologia textual nos estudos literários (Cf. ROCHA, 2008). Observar as formulações de Gilberto Freyre pode oferecer um caminho para justamente se assumir – ao invés de se negar – a singularidade da correspondência como objeto de estudo de aspectos múltiplos, que ressaltam a diferença, a relação, a pluralidade.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, M. Auto-retrato. In: _____. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.

_____. *Libertinagem* – Estrela da manhã. Edição crítica de Giulia Lanciani. Madrid, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Lima, Guatemala, San José, Santiago de Chile: ALLCA XX, 1998. [Colección Archivos: 1. ed.; 33].

_____. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1974.

BECKER, C. Les discours d'escort: l'annotation et ses problèmes (à propos de la correspondance de Zola). In: FRANÇON, A.; GOYARD, C. (Org.). *Les correspondances inédites*. Paris: Economica, 1984. [Colloque sur les correspondances inédites, Paris, 9-10 juin 1983].

ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Organização de Michael Schröter. Tradução de Vera Ribeiro. Revisão técnica e notas de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FREYRE, G. *Aventura e rotina*. Sugestões de uma viagem a procura das constantes portuguesas de caráter e ação. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

_____. *Casa-grande & senzala*. Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1999.

_____. *Sobrados e mucambos*: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. São Paulo: Global, 2003.

_____. *Tempo morto e outros tempos*. Trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade: 1915-1930. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

FREYRE, G.; LIMA, O. *Em família*: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Organização de Ângela de Castro Gomes. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005.

GUMBRECHT, H. U. *Produção de presença* – o que o sentido não consegue transmitir. Tradução de Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2010.

LOURENÇO, E. Da literatura brasileira como rasura do trágico. In: _____. *A nau de Ícaro seguido de Imagem e miragem da Lusofonia*. Lisboa: Gradiva, 1999. p. 193-201.

OLIVEIRA, L. L. Gilberto Freyre e a valorização da província. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 26, n. 1, p. 117-149, jan./abr. 2011.

ROCHA, J. C. de C. *Exercícios críticos: leituras do contemporâneo*. Chapecó: Argos, 2008.

VICENTE, S. M. *Cartas provincianas: correspondência entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira*. 2007. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.